

PRETO NO BRANCO: STUART HALL E A BRANQUITUDE

Liv Sovik¹

Resumo: Procura-se neste texto explicitar as formas em que o trabalho de Stuart Hall, apesar de focar identidades diaspóricas negras, é útil para os estudos da branquitude, para além da possibilidade de uma inversão, pela qual o fundo branco é definido pela figura negra. Procura entender o método de Hall, que passa por um conceito particular do trabalho teórico, a interlocução de atores sociais não acadêmicos, o interesse pela história ou a genealogia e a busca da intervenção em processos políticos através do trabalho intelectual. Nesses termos e no contexto do aumento do interesse acadêmico pela branquitude e da difusão, no espaço público, de palavras de ordem em torno do racismo, retoma o imperativo de Hall de analisar a conjuntura.

Palavras chave: Stuart Hall, branquitude, racismo, trabalho intelectual.

BLACK IN WHITE: STUART HALL AND THE WHITENESS

Abstract: This paper seeks to explain how the work of Stuart Hall, although the focus on black diasporic identities, is useful for studies of whiteness, beyond the possibility of an inversion, by which the white background is defined by the black figure. Seeks to understand the Hall's methods, which passes through a particular concept of theoretical work, the interlocution of nonacademic social actors, the interest in history or genealogy and the search for intervention in political processes through intellectual work. In these terms, and in the context of increased academic interest in whiteness and the dissemination, in public space, of words of command around the racism, retakes Hall to analyze the situation.

Keywords: Stuart Hall, Whiteness, Racism, Intellectual work.

NOIR SUR BLANC: STUART HALL ET LA BLANCHITUDE

Résumé: On se cherche dans cet texte expliciter les manières dont le travail de Stuart Hall, bien que centré dans les identités diasporiques noir, est utile pour les études blanchitude, au-delà de la possibilité d'une inversion, par lequel le fond blanc est défini par la figure noir. Cherche à comprendre la méthode de Hall, qui passe à travers un concept particulier de travail théorique, le dialogue des acteurs sociaux non universitaires, l'intérêt pour l'histoire ou généalogie et la recherche d'intervention dans les processus politiques par son travail intellectuel. Dans ces conditions et dans le contexte d'augment d'intérêt académique par la blanchitude et de la diffusion, dans l'espace public, des mots d'ordre autour du racisme, reprends l'impératif de Hall d'analyser la situation.

Mots-clés: Stuart Hall; Blanchitude; Le Racisme; Travail Intellectuelle.

¹ Liv Sovik é professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É organizadora da coletânea de textos de Stuart Hall, *Da diáspora: identificações e mediações culturais* (2006) e autora de *Aqui ninguém é branco* (2009), uma crítica à branquitude brasileira e seu fiel escudeiro, a mestiçagem.

PRETO EN EL BLANCO: STUART HALL Y LA BLANQUITUD

Resumen: Se busca en este texto explicitar las formas en que el trabajo de Stuart Hall, a pesar de centrarse en las identidades diaspóricas negras, es útil para los estudios de blanquitud, para además de la posibilidad de una inversión, por la cual el fondo blanco es definido por la figura negra. Procura entender el método de Hall, que pasa por un concepto particular del trabajo teórico, la interlocución de actores sociales no académicos, el interés por la historia intelectual. En estos termos y en el contexto del aumento del interés académico por la blanquitud y de la difusión, en el espacio público, de palabras de orden alrededor del racismo, retoma el imperativo de Hall al analizar la conjetura.

Palabras-clave: Stuart Hall; Blanquitud; Racismo; Trabajo intelectual.

Nos últimos anos, em função de problemas de saúde, Stuart Hall diminuiu muito suas atividades públicas, embora ainda estivesse na coordenação de um projeto coletivo de crítica aos pressupostos do neoliberalismo, visando um público britânico.² Mesmo assim, sua morte, no dia 10 de fevereiro de 2014, suscitou um número extraordinário de homenagens em textos e matérias jornalísticas publicados no mundo inteiro, como gesto retrospectivo de pesar e homenagem ao homem e pensador.³ É como parte desse impulso de avaliação e reconhecimento de dívida que gostaria de retomar Hall e a forma em que ele me ajudou a pensar a branquitude brasileira, ao elaborar o que veio a ser *Aqui ninguém é branco* (2009). Como, para analisar a branquitude, um pensador da negritude foi e é tão produtivo? Por que, afinal, um pensador para quem o sujeito de interesse maior era o diaspórico e o afrodescendente, tem tanto a dizer sobre a hipervalorização do branco? Afinal, no Brasil, por décadas se estudou a cultura negra quase sem referência à branquitude.

Evidentemente, é possível enxergar as coisas através da imagem em negativo: ao pensar a negritude, sabemos, Hall teve que examinar o racismo e a branquitude, a história da colonização das Américas e o escravagismo dos colonizadores. A branquitude é relacional, para pensar sobre ela, temos que perceber as relações entre brancos e não brancos. Uma das poucas frases de Hall sobre a branquitude, que se

² A geógrafa Doreen Massey, o sociólogo Michael Rustin e Stuart Hall coordenavam, os dois primeiros ainda coordenam a produção do *Kilburn Manifesto*, disponível em: <http://www.lwbooks.co.uk/journals/soundings/manifesto.html>.

³ O alcance dessas homenagens está em evidência aqui: <http://www.lwbooks.co.uk/stuarthall.html>. No Brasil saíram matérias e notas de óbito em *Zero Hora*, *O Globo*, *o Jornal do Commercio*, o site *Carta Maior* e a Rádio UFMG Educativa, entre outros. A contribuição da autora, publicada no jornal *O Globo* em 22 de fevereiro de 2014, está disponível aqui: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/02/22/stuart-hall-favor-da-diferenca-525304.asp>

encontra em “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?”, parece prestar-se a esse tipo de leitura, que foca o branco em negativo, como não negro. O texto, uma conferência proferida em um evento sobre cultura e política negras realizado em Nova York em 1991, contém a seguinte afirmação: “Etnicidades dominantes são sempre sustentadas por uma economia sexual específica, uma figuração específica de masculinidade, uma identidade específica de classe” (HALL, 2006, p 328). Como programa de pesquisa da branquitude, é breve, preciso, completo: temos aí os estudos de gênero, a sociologia, as relações sociais plasmadas pelas culturas, que variam de um lugar para outro. (Em outro lugar, Hall explicou que não lhe interessava o racismo, mas racismos.) Mas Hall não entra na seara da branquitude, nesse texto. Ele estava alertando o público sobre o cruzamento das identidades raciais por outras dimensões identitárias: a adesão a certas figurações de gênero ou identificações de classe pode diminuir o impacto das identificações negras positivas. Disse: “Não existe garantia, quando procuramos uma identidade racial essencializada da qual pensamos estar seguros, de que esta sempre será mutuamente libertadora e progressista em todas as outras dimensões” (Hall, 2006, p. 328).

A primeira pessoa plural de “procuramos” refere-se aos negros e negras. Hall afirmou, com relação a ser identificado como intelectual caribenho:

estou comprometido com a ideia de uma política de localização [...] todo conhecimento é formado pelo seu local de origem. É impossível escapar da maneira em que a formação da gente coloca uma espécie de estampa ou *template* no que nos interessa. (HALL, 2007, p. 271)⁴

Assim, Hall é um homem negro caribenho e a tradução de suas ideias para a discussão da branquitude exige não só uma inversão, vendo o fundo branco onde há forma negra, mas um deslocamento, uma tradução. Ou, como ele disse sobre as ideias de Gramsci, “é necessário desenterrá-las delicadamente de seu solo concreto e de sua especificidade histórica e transplantá-las para um novo terreno, com muito cuidado e paciência” (HALL, 2006, p. 279).

Primeiro é necessário entender o estatuto da obra de Hall, para ele mesmo. Hall insistia que não era um teórico (HOLLANDA; SOVIK, 2004), nem *scholar* ou sequer “acadêmico no sentido tradicional do termo”, mas um intelectual como Gramsci “porque acredito no poder e necessidade das ideias” (2007, p.276). Como

⁴ A tradução das citações de textos cujos títulos constam em inglês, nas referências, é da autora.

sempre acontece, na estrutura de pensamento de Hall, essa afirmação está em tensão com outra, que a complexifica:

De maneira crescente, acho que uma das principais funções dos conceitos é de nos permitir descansar à noite. Porque o que eles nos dizem é que existe um terreno estável, que muda só muito lentamente, dentro das frenéticas reviravoltas, descontinuidades e rupturas da história. (HALL, 1997, p. 43)

Hall reiterava que não havia garantias, que os processos históricos costumam não realizar as previsões da teoria, mas que a teoria é importante para chegar a entender algo desses processos mais lentos. Mais: um problema teórico se constitui como tal, segundo Hall, “por ser também estratégico e político” (HALL, 2006, p. 248-249). O propósito do esforço intelectual de Hall era de fazer diferença. “Sempre quis que meu trabalho intelectual marcasse uma diferença, registrasse e compartilhasse debates, fizesse contribuições para mudar uma conjuntura, mudasse as disposições do poder” (HOLLANDA; SOVIK, 2004).

A relevância de Hall para o estudo da branquitude brasileira passa, de um lado, pela atenção à localização biográfica de cada um. Criticava a vaidade e hipertrofia do eu, mas entendia que a biografia era um recurso, não só uma limitação: nisso, suas raízes nas Letras se mostram, pois a ideia de um narrador adequado, ajustado ao que tem a dizer, está presente nos estudos da ficção e da poesia. Hall criou um discurso sobre o trabalho intelectual que atribuía a ele uma importância além ou aquém da correção das suas ideias; elas seriam aferidas pela sua adequação ao contexto e aos problemas – embora não usasse essa palavra nem conceituasse qualquer horizonte político – da democratização da sociedade. Um exemplo está na valorização do trabalho sobre a identidade. Se a identidade lhe interessava era porque “a identidade é uma fonte de agência” (HALL, 2007, p. 281).

Formular o motivo pelo qual Hall, e não estudiosos da branquitude como Ruth Frankenberg, David Roediger ou Vron Ware, foi fundamental para pensar a branquitude brasileira, quando estava escrevendo *Aqui ninguém é branco* (2009), implica em tornar explícito outros elementos ainda. O primeiro é a preocupação com a legibilidade e o interesse de seus textos para além da academia. Não são poucos os intelectuais que trabalham em organizações não governamentais, movimentos sociais ou até órgãos de governo, que têm uma vida intelectual alimentada por textos, mas em geral os acadêmicos não nos preocupamos com esses setores: o conhecimento se

produz para ser publicado e, se possível, lido e referido por pares universitários. Hall tinha uma perspectiva diferente. Em uma entrevista, afirmou:

Escrevo ensaios. Nunca escrevo pensando em publicar. [...] meus escritos são criados em função de situações concretas, são sempre intervenções. Estão sempre procurando redirecionar uma dada situação. São escritos estratégicos. Então escrevo e público geralmente em revistas dos movimentos sociais, culturais ou artísticos ligados aos temas que trato. Só bem depois é que eles acabam sendo reeditados ou traduzidos e levados para circuitos mais amplos. (HOLLANDA; SOVIK, 2004)

Hall procurava, por princípio, fazer textos legíveis para quem não estava por dentro do debate teórico. Explicou o lugar entre o universo do debate teórico e o social nos seguintes termos:

Penso que é uma exigência de intelectuais falar uma espécie de verdade. [...] algum tipo de verdade, a melhor verdade que saibam ou consigam descobrir. [...] Assumir responsabilidade por falar com setores mais amplos do que das pessoas envolvidas na vida profissional das ideias. Falar para além dos confins da academia. Falar a verdade, no entanto, em toda a sua complexidade. Nunca falá-la de maneira excessivamente simples porque “eles não vão entender”. Porque vão, sim, mas vão entender errado, que é muito pior! Então, falá-la em sua complexidade, [...] Eles precisam dela para sobreviver. (HALL, 2007, p.289-290)

Assim, Hall escrevia ensaios, gênero visto como de questionável cientificidade por setores da academia, como Theodor Adorno já notou na Alemanha nos anos 1950.⁵ Ele se dirigia a públicos não especializados no debate teórico e nos recomenda buscar a verdade e a inteligibilidade, para esses setores, em tensão uma com a outra. A produção do pensamento crítico que permite a sobrevivência “deles” motiva muitos pós-graduandos e professores no Brasil, mas as convicções de Hall soam ingênuos em muitos ambientes da academia onde o ativismo é descartado acriticamente, em nome de uma suposta isenção ou grau de elaboração teórico.

Por outro lado, a tensão que Hall estabelece entre verdades mais fáceis e as mais complexas – e não por acaso, mais adequadas –, desafia as certezas da militância, acadêmica ou não, que tenha a tendência a simplificar, reiterando o que todos sabemos ou inventando novidade onde não há. O estudo da branquitude brasileira, que não é um fenômeno da natureza e precisa ser concretizada pela crítica, se

⁵ Adorno admitia que “o ensaio [...] acaba se enredando com enorme zelo nos empreendimentos culturais que promovem as celebridades, o sucesso e o prestígio de produtos adaptados ao mercado”. Mas escreveu em sua defesa, inclusive questionando a academia em termos que explicam a preferência de Hall por esse gênero de escrita. Segundo Adorno, “a corporação acadêmica só tolera como filosofia o que se veste com a dignidade do universal, do permanente” (Adorno, 2003, p.16).

beneficia da sugestão de manter um diálogo com intelectuais não acadêmicos, pautado pela apresentação da melhor reflexão que se conseguiu fazer, sem concessões às tautologias, reafirmações do óbvio ou outros amuletos que simplificam e parecem garantir a verdade dos argumentos.⁶

Os movimentos sociais são vitais para seu trabalho, mas Hall não se confunde com eles. Por exemplo, *Policing the Crisis* (1978), dele e quatro pós-graduandos do centro de Estudos Culturais em Birmingham, apresenta uma pesquisa sobre os problemas de crime e policiamento e do racismo na a sociedade britânica, a partir de um pânico moral focado em jovens negros. Os autores se negam a propor reformas imediatas, restringindo-se a formular uma análise. Para eles, nesse momento, era mais eficaz, politicamente, fazer uma análise completa que convencesse os leitores do que passar imediatamente às políticas, que tenderiam a ser reformas de curto prazo (Hall et al., 1978, p. ix-x). É nesse sentido, de medir os possíveis efeitos, que Hall diz que seus textos são “intervenções”, tentativas de entrar em um debate em que diversos atores estão envolvidos e em que – os autores de *Policing the Crisis* enfatizam isso, apesar de seu silêncio sobre as consequências práticas de sua análise - é necessário tomar partido.

Um dos problemas de estudar a branquitude é que ela está abaixo da crítica. Ela não é o advento de algo novo, nem o sinaliza. Não pertence a grupos humanos exóticos ou intrigantes. Se insinua ou se declara no dia-a-dia em que as prerrogativas do branco sobre o não branco se afirmam sem ou com alarde, tanto faz: os etnógrafos não se interessaram, historicamente, em registrá-lo. Os filósofos pouco pensam a respeito. Nisso, a branquitude se assemelha ao fascismo, cuja sobrevivências Peter Sloterdijk procura identificar no cotidiano do Ocidente. Em *Critique of Cynical Reason* (1987), Sloterdijk reprocha a tradição filosófica por deixar de lado o tema do fascismo. Poderia estar escrevendo sobre o tema da branquitude:

A filosofia enquanto “disciplina” não tem uma verdadeira tese sequer sobre o “fascismo verdadeiro” porque basicamente o considera abaixo de toda crítica. [...] Para a filosofia, as afirmações programáticas do fascismo não chegam a ser avaliadas como ideologia séria e substantiva sobre a qual uma crítica

⁶ Exemplos da tensão entre Hall e o discurso militante se encontram no texto “Raça, o significante flutuante” (2013), quando responde à pergunta, “Como dar conta da realidade da discriminação e da violência raciais?” se raça é um significante, um discurso, e na parte final, intitulada “Por que importa?”



reflexiva teria que se debruçar. Mas aí está o ponto fraco – da crítica. Permanece fixada em “opositores sérios” – e com essa atitude, negligencia a tarefa de entender o *template* ideológico de “sistemas pouco sérios”, rasos. Até hoje a crítica não esteve à altura da mistura moderna de opinião e cinismo. Mas já que as questões da auto-preservação social e individual são discutidas em precisamente essas misturas, há bons motivos para preocupar-se com sua composição. Questões de auto-preservação devem ser abordadas na mesma linguagem que as de auto-destruição (*Selbstvernichtung*). A mesma lógica de repúdio à moralidade parece funcionar nelas. Chamo isso da lógica da “estrutura cínica”, isto é, da auto-recusa da ética refinada. (SLOTERDIJK, 1987, p. 8)

A opção pela vida, Sloterdijk conclui, depende da elucidação da estrutura que sustenta o fascismo como opção de sobrevivência ou auto-preservação dos Estados-nação. A branquitude tampouco tem sido considerado digno da atenção de teóricos, apesar de sua neutralização ser um problema político e estratégico para qualquer teoria do futuro das sociedades ocidentais e da opção pela vida. Hall ajuda novamente. Abre um caminho em que se elabora o objeto com o auxílio da teoria e da filosofia, mas sem ser sujeito aos protocolos de prestígio do mundo da filosofia.

A branquitude brasileira é um lugar de fala, envolvendo relações socioeconômicas, socioculturais e psíquicas, como Ruth Frankenberg (1997) afirma sobre a norte-americana. Está arraigada em questões de imagem e autoimagem, como dizem Muniz Sodré (1999) e Guerreiro Ramos (1995). E é formada ao longo de uma história específica. A preocupação de Hall com a história e com os processos lentos que subjazem as repentinas alterações aparentes inspiram um cuidado especial com a branquitude brasileira. Hall fala de seus “hábitos de pensamento” de prestar atenção à conjuntura, conceito parecido com as “problemáticas” de Agamben ou ainda a “história do presente” foucaultiana. Interessa-lhe o momento em que a conjuntura muda e aparece um novo problema, exigindo a renovação das perguntas (HALL, 2007, p.278-9). Esse “habito de pensamento” de historiador ou genealogista, focado em entender a formação das circunstâncias em que vivemos, no presente, coloca perguntas para os estudos da branquitude: algo mudou nos últimos tempos?

A denúncia do racismo se tornou motivo de promoção de jogadores de futebol, governos e meios de comunicação com a campanha de “somos todos macacos”.⁷ O debate, como tantas vezes ocorre, confronta subjetividades indignadas com os poderosos de plantão. Compara-se a reação ao racismo no Brasil com a norte-

⁷ Ver Gonçalves (2014) para uma visão global dos fatos e argumentos.

americana, que levou ao afastamento do dono de um time de basquete de seu próprio negócio por fazer comentários racistas. Uma pergunta permanece a mesma: como fazer com que a máquina discursiva da branquitude, que aguenta calada diante da crítica, seja deslocada de seu lugar?

Talvez seja a hora de pensar a branquitude brasileira em um contexto comparativo mais amplo do que o das Américas, para contribuir com uma crítica menos baseada na denúncia da teimosa imoralidade da reação branca ao racismo: isso é o papel da academia. Junto com a denúncia, é uma estratégia, pois as repercussões no espaço público da crítica à hipocrisia, típica dos modos norte-americanos de ser, se esgota rapidamente no Brasil, onde as elites são tradicionalmente mais imunes à opinião pública e o moralismo (ao qual a denúncia é associada rapidamente) tem menos prestígio.

É preciso pensar outros posicionamentos da subjetividade antirracista branca, levando em conta a história do Ocidente como processo global. O texto da sul-africana Sarah Nuttall (2004), sobre as memórias de figuras brancas importantes na luta anti-Apartheid, por exemplo, poderia servir de modelo de estudos de subjetividades brancas antirracistas através da literatura, onde a dificuldade de distinguir o “bem” do “mal” é mais próxima da vivência do que no espaço midiático e publicitário.

A pecha de pesquisadores de temas ligados ao racismo é de ter as respostas antes das perguntas – sobre isso já vimos a abordagem de Hall, de não fazer concessões ao desejo ou vontade militante. Mas é mais difícil lidar com o fato do racismo ser um tema constrangedor, que poucos querem discutir. O que Hall nos ensina passa por dois elementos de seu texto. O primeiro está relacionado com seu lugar de fala. Tem recomendações a fazer para a política antirracista em geral (Hall, 2013), mas o mais comum é que se dirija às políticas identitárias negras, procurando “estratégias culturais capazes de fazer diferença” (Hall, 2006, p. 321) ou propondo formas de contestar os estereótipos raciais (Hall, 1997). Uma de suas estratégias mais eficazes é de reconhecer e valorizar a cultura da diáspora negra, sua produtividade cultural, de tal forma que, quase imperceptivelmente, destrona a branquitude de seu olhar soberano.

Em “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?” (Hall, 2006, p.318), comenta a centralidade da cultura negra, na exportação pós-guerra da indústria cultural

americana. Fala da manutenção da diferença negra através do tempo, da autenticidade dessa diferença ser resultado da coincidência de tradições, lutas, repertórios e contra-narrativas. A conferência de abertura do congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) em Salvador, em julho de 2000, termina assim:

O antigo modelo de centro-periferia, nação-nacionalismo-cultura é justamente o modelo que está se desagregando. As culturas emergentes que se sentem ameaçadas pelas forças da globalização, diversidade e hibridização, ou que fracassaram de acordo com a atual definição do projeto de modernização, podem ficar tentadas a se fecharem em suas inscrições nacionalistas e a construir muros contra o exterior. A alternativa não é agarrar-se a modelos fechados, unitários, homogêneos de “pertencimento cultural”, mas começar a aprender a abraçar processos mais amplos – o jogo de semelhança e diferença – que estão transformando a cultura no mundo. Este é o caminho da “diáspora”, o caminho de um povo moderno e de uma cultura moderna. (HALL, 2000, p.14)

Com essas maneiras de abordar a temática, desloca – para usar uma palavra muito usada por ele – a atenção para as realizações político-culturais da diáspora negra. Muitas vezes simplesmente ignora os brancos, se não a branquitude como sistema de valores dominante. Traduzir essa estratégia discursiva para os estudos da branquitude exige certo cuidado: não é na celebração das realizações de brancos antirracistas que a branquitude será debelada, pois reitera a história do heroísmo branco. Outra tradução possível é o esforço de simpatia com o que é condenado por “nosso lado”, é imaginar as qualidades que o olhar do outro vê.

Certamente, foi seguindo esse rumo que quis valorizar, em *Aqui ninguém é branco* (2009), a convivência inter-racial afável defendida como valor brasileiro: essa valorização não é redutível ao cinismo, simplesmente, existe algo aí, embora seja mera ilusão se a premissa da cordialidade continuar significando a aceitação da violência racial hoje em curso. A tensão desenhada aí permite engajar pessoas diversas em assuntos difíceis e só então caminhar para um posicionamento.

O segundo elemento que permite lidar com assuntos de difícil aceitação é um senso de ironia que muitas vezes se expressa como bom humor, ou vice versa. Eis Hall introduzindo sua fala à plateia do congresso da ABRALIC em Salvador e preparando-a para aceitar que sua identidade de diaspórico, sua busca de entender a cultura de seu lugar de origem fora da ótica colonial, foi central na pré-história da criação dos Estudos Culturais, assunto de muitos dos congressistas e cujos inícios raramente se associam à questão racial.



Não estava certo se deveria começar esta conferência pelo início ou pelo fim. No entanto, imbuído do espírito de um romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que, como sabem, é uma história escrita por um autor após sua própria morte, decidi começar por uma nota de rodapé. Trata-se da história – até hoje pouco conhecida e que eu nunca havia sido revelado – do papel da Bahia no desenvolvimento dos Estudos Culturais. Como a disciplina se tornou um campo mundial e transnacional de pesquisas, muitas escolas recém criadas julgaram necessário questionar, desafiar e colocar por terra o que vêem como reivindicação original do Centro de Estudos Culturais de Birmingham. Esse ato de libertação – ou tendência patricida, dependendo do local e do ponto de vista – em geral, assume a forma de descoberta que os Estudos Culturais foram, *na realidade*, inventados em outro lugar, muito antes do campo de estudo ter recebido seu nome na Universidade de Birmingham, em 1964. Não só concordo com esta tendência pós-estruturalista de desconstruir todas as reivindicações de criação, como quero fazer uma pequena incursão nessa direção. (HALL, 2000, p. 1)

Hall, que esteve presente desde os inícios dos Estudos Culturais, apaga parcialmente ou “rasura” essa autoridade, para depois retomar seu lugar, desta vez como cúmplice e par da plateia iniciada no pós-estruturalismo. A seguir, a cumplicidade já estabelecida, conta sobre como buscou entender as “sobrevivências” e “retenções” africanas no Atlântico Negro.

Talvez a ironia mais ousada de Hall esteja no final de “The spectacle of the ‘other’” (Hall, 1997, p.274-275), quando ilustra a desmontagem do estereótipo “através do olhar da representação”, contrastando duas fotografias homólogas de nus masculinos por artistas homossexuais. “Jimmy Freeman”, do americano Robert Mapplethorpe,⁸ apresenta um homem cujo rosto não vemos, agachado em uma pose geométrica em que o pênis é central. O outro, “Sonponnoi”, do fotógrafo nigeriano Rotimi Fani-Kayode, também apresenta um homem sem rosto, sentado ou abaixado, mas onde deveríamos ver seu pênis está segurando nas mãos três velas acesas.

As fotos conduzem o olhar para o órgão sexual, ou as velas. A segunda faz o observador ou observadora se observar, observando. Esse jogo reflexivo é uma brincadeira pouco usual, nos textos acadêmicos, menos ainda quando se trata da sexualidade, mas inspira, ou pelo menos me inspirou, a tratar com senso de ironia alguns aspectos da branquitude, como, por exemplo, a ideia do povo brasileiro dividido em grupos hierarquizados pelo racismo serem unidos pelo carinho.

A relevância de Stuart Hall se estabelece a partir da percepção do deslocamento de seu trabalho em relação ao tema da branquitude. Mesmo assim, ao

⁸ Hall comenta essas fotografias e sua visão do trabalho de Mapplethorpe em uma entrevista, “Stuart Hall on Photography”, realizada por Sunil Gupta em 2001: <http://vimeo.com/51527926>.

valorizar a temática e a produtividade cultural negras, seu trabalho nos faz apreender um outro mundo possível, em que ser branco significa ocupar um espaço configurado pelo “pertencimento-na-diferença” em que outros grupos têm seus privilégios, a diferença branca não mais significando prerrogativas. Stuart Hall chama seus públicos a tomar consciência da localização de quem fala e escreve: o que nos motiva, o que passa ao largo de nossa experiência? Implica em relações com atores não acadêmicos sem nos confundirmos com eles.

Eventualmente, pode implicar uma certa marginalidade nos sistemas de prestígio acadêmicos, por causa da opção pela crítica antes da empiria, o ensaio antes da monografia ou relato de pesquisa. Isso, sem esquecer que há muita pesquisa empírica a ser feita, sobre a branquitude, e chegar rápido demais a posições críticas é sinal da militância contaminar a capacidade intelectual, como Hall apontou nas últimas frases de “Estudos Culturais e seu legado teórico”: “Acredito haver toda a diferença no mundo entre a compreensão da política do trabalho intelectual e a substituição da política pelo trabalho intelectual” (HALL, 2006, p.204).

Palestrante que sempre tinha muito presente seu público, Hall vivia o instando a permanecer esticado entre posições conflitantes, senão antagônicas, para dar conta da complexidade do mundo. Não temia tomar posição e parecia se divertir com seus textos, usando uma ironia que dava leveza a assuntos pesados em suas implicações morais. E sempre voltava a uma pergunta, que vale para os estudos da branquitude que estão em pauta aqui: o que há de novo na atual conjuntura? A problemática mudou desde que a branquitude se tornou tema de pesquisa para uma nova geração de pesquisadores?⁹

Se o racismo entrou em pauta com os rolezinhos da juventude popular e negra, nos shoppings de grandes cidades entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, e a campanha “somostodosmacacos”, em maio de 2014, isso significa que o racismo entrou em pauta de uma nova maneira? Quais são as (novas) forças que o reconhecem como problema? Nada mais adequado à inquietude de Hall do que terminar com perguntas, essas ou outras que nos levem a constituir teoricamente respostas a um problema estratégico e político, o racismo.

⁹ Em 8 de maio de 2014, na plataforma Lattes do CNPQ, constavam 39 doutores e 34 não doutores que usam a palavra-chave “branquitude” para descrever seu trabalho. Sete doutores eram bolsistas do CNPq, todos em nível 2. Dos doutores, 10 se doutoraram a partir de 2010; 16 a partir de 2000; 8 a partir de 1990; e 5 antes disso, configurando um corpo de pesquisadores bastante jovem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. *Notas de literatura I*. (Trad. Jorge de Almeida). São Paulo: Editora 34 / Livraria Editora Duas Cidades, 2003 (1958), p.15-45.

FRANKENBERG, Ruth (Org.). *Displacing Whiteness: Essays in social and cultural criticism*. Durham, NC: Duke University Press, 1997.

GONÇALVES, Ana Maria. *A banalização do racismo*. 01/05/2014. <http://www.geledes.org.br/racismo-preconceito/racismo-no-brasil/24458-a-bananizacao-do-racismo-por-ana-maria-goncalves>. Acessado em 05/05/2014.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. A patologia do “branco” brasileiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995 (1957).

GUPTA, Sunil. Entrevista: Stuart Hall – On Photography. Londres: Autograph-ABP, 2001. <http://vimeo.com/51527926>. Acessado em 05/05/2014.

HALL, Stuart et al. *Policing the Crisis: Mugging, the State and law and order*. Londres: Palgrave Macmillan, 1978.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. (Org. Liv Sovik) (1ª impressão revista) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HALL, Stuart. *Diásporas ou a lógica da tradução cultural*. (Trad. Elizabeth Ramos) Conferência de abertura, VIII Congresso da ABRALIC Associação Brasileira de Literatura Comparada. Salvador, 2000, mimeo, 14 p.

HALL, Stuart. Epilogue: Through the Prism of an Intellectual Life. In: Brian Meeks (org.). *Culture, Politics, Race and Diaspora: The Thought of Stuart Hall*. Kingston/London: Ian Randle/Lawrence & Wishart, 2007, p.269-291.

HALL, Stuart. Minimal selves. In: Ann GRAY; Jim McGUIGAN (Orgs.). *Studying Culture: An introductory reader*. London: Edward Arnold, 1993, p.134-138.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. *Revista Z Cultural* (PACC-UFRJ), Ano VIII, No.2, 2013. <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>

HALL, Stuart. The Spectacle of the “Other”. In: _____ (Org.). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. London: Sage/The Open University, 1997, p.223-290.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; e SOVIK, Liv. O papa negro dos estudos culturais. Entrevista de Stuart Hall. *Jornal do Brasil*, Caderno “Idéias”, 3 de janeiro de 2004, p. 3.

NUTTALL, Sarah. Subjetividades da branquidade. In: WARE, Vron. *Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. *Critique of Cynical Reason*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

Recebido em março de 2014
Aprovado em maio de 2014